

JOÃO ANTÔNIO E SEUS PÉS VERMELHOS: A ATUAÇÃO DO ESCRITOR E JORNALISTA NO JORNAL *PANORAMA*

Renata Ribeiro de MORAES

O escritor e jornalista João Antônio (1937-1996)¹ migrou para Londrina no ano de 1975 a fim de poder colaborar com o novo jornal que despontava: o *Panorama*. Imbuído de uma nova missão jornalística e para que pudesse sobreviver por meio de sua escrita, João Antônio pôde mostrar aos leitores do veículo impresso as suas impressões da “terra roxa” e, conseqüentemente, pôde apresentar-lhes alguns de seus contos.

Panorama sobreviveu por vinte meses, tempo curto, se considerarmos a história de outros jornais brasileiros. No entanto, para uma cidade em desenvolvimento, sua trajetória foi significativa, tendo em vista o registro de acontecimentos mundiais, nacionais e regionais.

Durante um ano e oito meses *Panorama* trouxe informações, notícias e opiniões, as quais certamente revelaram perspectivas e expectativas para o leitor deste jornal londrinense. Dessa forma, o jornal destacou-se rapidamente e despontou imponente para aqueles que duvidaram dessa empreitada jornalística.

Alguns nomes contribuíram para a boa aceitação do jornal, tais como Carlos Castelo Branco, que articulava sobre o cenário político, Hélio Duque, que discorria sobre os aspectos econômicos, José Trajano, no esporte, entre outros nomes que inflamavam certo reconhecimento, pois já haviam trabalhado em grandes órgãos de imprensa do país. Para a apresentação de matérias locais alguns nomes regionais também figuraram no *Panorama* como Valmor Giavarina, Domingos Pellegrini Jr., Nelson Capucho ou Délio César.

Sendo um jornal completo, *Panorama* também ofereceu um espaço para a arte literária. Nilson Monteiro e João Antônio foram os que puderam mostrar ao leitor algumas de suas criações literárias.

Para o escritor João Antônio, seu envolvimento com o jornalismo intensificava-se quando não publicava um livro. As atividades jornalísticas que desempenhou foram consideradas como sua “batalha fora da literatura”. Portanto, o que “ganhava por acréscimo” era justamente por meio de sua atuação, enquanto jornalista, nos veículos de comunicação impressos. Diante deste assunto o escritor discorreu:

Se eu não batalhar fora da literatura, vou morrer de fome. Tudo o que um escritor ganha no Brasil é por acréscimo, nunca profissionalmente. Na maioria dos casos, todos ganham dinheiro com o trabalho do escritor, menos ele².

João Antônio, convidado para integrar a equipe do *Panorama*, permaneceu em Londrina por três meses e produziu nove textos, os quais intitulam-se: “Londrina de João

Antônio”, “Os anos loucos de Londrina”, “Desgracido”, “Está aberta a Sessão” e “O parto”. Entre os textos ficcionais, destacam-se “Jacarandá – A estrela desce”, “Jacarandá – Ladrão!”, “Jacarandá – Guardador de carros” e “Olá, professor, há quanto tempo!”.

No artigo “Londrina de João Antônio”, o escritor mostra sua resistência ao ser convidado para estar em Londrina, para fazer parte de num novo desafio jornalístico. Desviar-se do eixo Rio-São Paulo seria para ele mais do que um desafio. Depois de um telefonema vindo de Londrina, o escritor ainda teria tempo para se despedir de sua “terra de coração”. Caminhou pelo bairro carioca (Copacabana) e fez sua despedida. A seguir, citamos um trecho do artigo supracitado e que faz referência a sua resistência em ir para Londrina:

Não, Londrina não. Fazer um novo jornal com aquela gente reunida em Londrina, não. Falassem Recife, Salvador, Estado do Rio, vá lá. Seria um jato de demência média, devagar. Compreensível ou considerável, batendo em cheio, de chapa, com a natureza e a coragem dos homens que estavam metidos na empreitada. (...) De comum tem sido necessário destrambelhar, extrapolar. Quando se pretende fazer alguma coisa ou existir. Gente assim: Miltainho, Narciso Kalili, Amiltinho de Almeida, ganham uma estranha capacidade de manobra. (...) Por um lado, obrigada a um corpo-a-corpo com a vida, come o que o capeta amassou com o rabo. E pode, nessas e outras enfiadas, enviar por perspectivas novas, forçar aberturas, buscar lances e acabar fazendo um o Bondinho e um Ex. Compensação que vale o risco. Entendido. (...)³

Num outro texto, denominado “Nos anos loucos de Londrina”, João Antônio relata sobre a época de ouro de Londrina. Descreve as mais diversas situações proporcionadas pelo café, nos anos de 1949 a 1953. O texto traz informações interessantes, pois o leitor “desinformado” passa a conhecer aquele que foi o grande propulsor da economia da cidade londrinense e do país: o café. Enquanto a cidade crescia, novas formas de “diversão” também chegavam na região de “terra roxa”. Prostíbulos proliferavam, trazendo mulheres de fora, que tinham como tarefa enganar os “otários”. Com várias boates sendo formadas, estas também movimentaram a economia de Londrina, tornando-se assim, um grande centro boêmio. Dessa forma, nos deparamos com os anos loucos de Londrina:

Corria um tempo em que, como se diz, se amarrava cachorro com lingüiça e se ganhava dinheiro a rodo. Amavam-se mulheres finas, admiráveis, beldades que se revezavam, lindas e muitas, trazidas e chegadas de todas as partes. Havia chilenas, argentinas, mexicanas, bolivianas, as melhores cariocas, gaúchas, paulistas, uruguaias. (...) Os cigarros eram americanos e acesos alguns ao fogo de notas enroladas de cinco mil réis, na meio penumbra das mesas ricas dos bordéis de Londrina. (...) O herói era o café de que nunca se esperou tanto. A heroína era a terra roxa, firme, forte na cor e na fertilidade. Mas Londrina aceitava o desafio da loucura do café e assumia a si mesma. Esbanjando à grande, gulosamente festiva e boêmia, a cidade cumpria sua contradição. Chegava aos vinte anos de vida e já era capaz de

ganhar mais do que produzia, gastar mais do que necessitava, aproveitar menos do que podia assimilar e sem nenhuma raiz, trouxe todas as raízes de fora. (...) O meio circulante, o dinheiro de um salto acompanhou o pulo dos preços do café. Fazendeiros, cafeicultores, exportadores, corretores, toda gente ligada ao café estava rica da noite para o dia. (...) Essa a Londrina louca e gloriosa, devassa e amante, alegre e boêmia, velhaca, frívola e transitória que os anos de 50 viram nascer e brilhar de repente, passando como uma chispa em 53 viria a primeira queima do café, a geada, a queda violenta de vendas e de preços. (...)⁴

No terceiro artigo veiculado em Panorama, temos “Desgracido”, cujo enfoque registra a vida jornalística de João Milanez, fundador e proprietário do jornal Folha de Londrina. O título da reportagem refere-se ao veículo de comunicação de Milanez, cuja denominação diz respeito ao seu “pasquim”, ou mais precisamente, ao termo “veiacó”. Por meio do texto do escritor João Antônio entendemos que durante a trajetória jornalística de João Milanez este pôde ser visto também como um “desgracido”, tendo em vista os inúmeros desafetos que adquiriu para conseguir seus objetivos. “Patrão”, como era conhecido, teria fama de “pão duro”, pois não gastava um centavo sem necessidade. Muito viajado e fotografado, Milanez não escondeu sua satisfação de poder ir ao aeroporto local para receber as personalidades que aqui chegavam.

Numa linguagem que mistura depoimento e reportagem, João Antônio registra no texto parte do percurso de Milanez, pois estava em Londrina há 26 anos, portanto, elevando seu nome e atingindo o posto de “pioneiro” diante da história da imprensa da cidade. A seguir, um trecho do texto no qual João Antônio trava contato com Milanez e que lhe permite tecer suas primeiras impressões diante da figura conhecida do “Patrão”:

Num espigão do centro de Londrina, defronte ao prédio de esquina da Empresa de Correios e Telégrafos, um pioneiro me é apresentado – João Milanez – com dois pesos ao mesmo tempo. É um pioneiro, um homem dos tempos bravos, heróicos do Norte do Paraná; é um homem conhecido e consagrado dentro do Paraná. Em Londrina, até os postes e as árvores o conhecem, que vem trabalhar a pé, deixando seu apartamento de andar todo (...) Alto, forte, 48 anos, sotaque catarinense carregado na voz cheia, gesticulando com as mãos enormes de dedos longos, nenhum fio de cabelo branco, abotoaduras de ouro nos punhos da camisa social de preço. (...)⁵

João Antônio ainda esteve presente numa sessão da Câmara de Vereadores. Verificamos, em “Está aberta a sessão”, a reportagem feita pelo jornalista e escritor a fim de verificar o andamento da situação política de Londrina. Enquanto indivíduo consciente acerca do que se passava ao seu redor, é interessante percebermos a sua observação frente aos acontecimentos na referida Câmara. A descrição das atitudes dos vereadores chega a ser cômica visto que muitos deles se mostram indiferentes ao tratarem dos assuntos da cidade de Londrina:

A sessão da Câmara de Vereadores marcada para as 20 horas começa com 15 minutos de atraso. Extra oficialmente, começou 30 minutos antes da hora atrasada na sacada do Edifício Municipal. Havia conversas à boca pequena e seria maldado ou inconseqüência lhes atribuir a qualidade de conchavos de última hora. Espera-se nos corredores com um mal espírito da bisbilhotice e do humorismo o prosseguimento da briga entre os nobres vereadores Milton Guimarães e Oswaldo Caldarelli que outra coisa não é conforme observadores maldosos senão a disputa da presidência da comissão de saúde. (...) Espera-se também uma denúncia séria de Milton Guimarães sobre a Codel, que está vendendo lotes (datas) de terra pública sem autorização da Câmara. Mais assunto firme: a poluição do Igapó. (...) A verdade é que ninguém está tomando conhecimento de coisa alguma no amplo salão mobiliado com madeira de lei e oferecendo conforto de ar condicionado, além de água mineral gelada e bons cafés. há movimento generalizado, conversas laterais, risos, fuma-se muito, fala-se abertamente, enquanto algum ilustre vereador está com a palavra. (...) ⁶

O artigo intitulado "O parto", nos remete ao nascimento da personagem Jacarandá. Esta, ganha maior destaque quando passa a fazer parte de várias histórias, mais tarde compiladas em livro, *Um herói sem paradeiro – vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*⁷. Por meio deste artigo, João Antônio apresenta ao leitor a gênese literária desta personagem considerada como "universal", criada por meio de várias células literárias, como por exemplo:

Nasceu do meu medo e da minha necessidade e eu não o pari na hora, pari com dor e ele sempre existiu em mim. Jacarandá me existiu muito antes do parto, quando via Cantinflas, Charles Chaplin, o Gordo e o Magro. Só depois Macunaíma, Pedro Belazarte e os heróis pingentes do meu amado Afonso Henriques de Lima Barreto. (...) Para mim não existe coisa paulista, carioca, baiana ou londrinense, apenas a cor é local. O lance é outro. Ivan Illitch é profundamente russo e por isso mesmo nitidamente universal. Carlitos é universal, Cantinflas também e Policarpo Quaresma também. (...) Não acredito que até hoje eu tenha feito personagens grandes. Jacarandá é grande. (...) Ele é sobrinho de Mark Twin, contraparente de Cristóvão Colombo, descendente direto de Ptolomeu, filho ilegítimo de Lampião, concunhado de Al Capone, discípulo de Fídias, ajudante de limpeza de pincéis de El Greco, afilhado de Isaías Caminha, Quincas Borba e Policarpo Quaresma, além de bisneto de Juca Pato, Jeca Tatu e Noel Rosa. O herói é de boa e andeja família. (...) ⁸

Desse modo, também conhecemos as influências do autor além de seu posicionamento frente ao conceito de "universalidade" no que diz respeito a sua arte literária.

Em relação aos textos ficcionais, veiculados no Panorama, temos, primeiramente, o texto "Jacarandá – A estrela desce", que ganhou outra designação em 1982: de "A estrela desce" para "Milagre Chué" ⁹. João Antônio recorreu à publicação de seus contos via jornal movido pela necessidade de mostrar ao leitor sua literatura, pois o alcance seria maior e mais

rápido. Além desse aspecto, tinha a questão da sobrevivência, pois o escritor ainda não conseguia viver apenas de sua literatura.

Dessa forma, atuando em veículos que atingiam uma certa camada da população, João Antônio apresentou-nos uma de suas produções literárias, que é um conto ambientado na cidade de Londrina:

Estava ruço. Dera-lhe um ruço na vida andeja. E, estratégia errada – como pinta não cruzasse os braços, as coisas aconteciam. (...) Era um homem em trânsito pela cidade. (...) Mal benzido e mal rezado, só lhe restou se man[t]dar do Rio. (...) o gajo meteu-se numa na boléia de um caminhão e, de carona, tocou para o Sul do país. (...) O cansaço de dias dormindo em porta de igreja, em vão de escadaria e em soleira de edifício, baixou-lhe represado, de vez. Provavelmente não se possa dizer que tenha dormido como um justo. Mas dormiu umas vinte horas, só acordou, debaixo de sacudidelas, em Londrina, Norte do Paraná. (...)

- É o fim de linha, companheiro! Acabou o conforto!

O gajo esfregou os olhos e deu com a cidade de terra roxa, forte se impregnando em tudo, nos seus andrajos, no seu sapato molambento dos saltos comidos, na sua barba de uma semana, no seu miserê e nos seus sonhos.

Lembrou-se, esperançado, que aquela cidade era um Eldorado, o dinheiro rodava à grande e solto, rápido e fácil, fazendo-se ali fortunas do dia para a noite. Havia ouvido em suas andanças. A luz da esperança lhe brilhou. (...) ¹⁰

Notamos, portanto, a travessia dessa personagem percorrendo a cidade paranaense em busca de vida melhor. O conto, expressando um estilo já consagrado do escritor João Antônio, pode ser observado por meio da linguagem utilizada e por meio de seus tipos humanos e que foram constantemente abordados pelo autor na maioria de suas obras.

Novamente Jacarandá. Em "Ladrão!", a personagem, que agora está na pele de um juiz de futebol, passa por inúmeras atribuições em campo. Em 1986, no livro *Abraçado ao meu rancor*, o título é outro: "Sufoco"¹¹. No *Panorama*, foi veiculado com o título de "Jacarandá - Ladrão!". A seguir, descrevemos um trecho do artigo encontrado no jornal:

- Cachorro!

A multidão ferve e grita. E o xinga de vagabundo a homossexual, ladrão e negro. Passando, naturalmente, por bunda-mole, imbecil, safado, arrombado, tratante, comprado e vendido. (...)

Metido no uniforme preto, certinho, brilhante, mangas compridas, o poeta do momento sua no pescoço, nuca, carapinha, sovaco, nas partes, nos nove buracos e nos quatro cantos do corpo. (...)

Jacarandá sopra o apito, os jogadores se colocam e o jogo começa. Cinco minutos, não mais, o público do Vitorino dá trégua ao herói, se voltando contra uma bandeirinha a quem atribui novas qualidades infamantes. Sexuais, na maioria. (...) Dissimularia. Escalado para apitar aquele jogo, conhecendo na pele a rixa Londrina-Curitiba, Jacarandá Camaleão acreditava – a princípio – na sua picardia e capacidade de manobra, (...) Acontece que em Londrina até os ventos são quentes.

Inda mais, o povo-povo não lhe perdoava a cor. Mulato, o poeta tinha pela frente noventa minutos de taxações violentas. Inda mais. Era encontro do Londrina contra a equipe forte da capital e o herói tentava compor com os dois lados, politicamente. Uma vela para Deus, uma vela para o capeta; uma vela para Deus, vela para o capeta; uma vela para Deus, uma vela para o capeta (...)¹²

Ainda Jacarandá no *Panorama*. No artigo “Guardador de carros”, temos a possibilidade de entrar em contato com o mundo dessa personagem que só sobrevive porque “guarda os carros dos bacanas”. Esse é seu meio de vida. No entanto, Jacarandá não está mais na cidade de Londrina. Seu espaço é outro: é qualquer lugar do planeta onde se busca a sobrevivência. Em 1986, também no livro *Abraçado ao meu rancor*, esse conto tem o título de “Guardador”¹³. Descrevemos abaixo um trecho do presente conto que foi veiculado primeiramente em *Panorama*, em 1975:

- Assim não dá pedal. Oito saíram sem me pagar, estou prejudicado. (...) Jacarandá beberica cachaça, escarafuncha e reconhece difícil concluir porque as pessoas dão esmolas. (...) Só uma minoria – esmagadora de quaisquer ilusões – dá esmola por compreender o miserê. (...) otários da classe média, que dão trocados aos esmoleiros porque estão vestidos dire[i]tamente e têm vergonha de demonstrar, em público, que são uns duros, uns tesos, o que para eles pega muito mal. (...) Mas, apesar da cachaça, esses e outros pensamentos não distanciam Jacarandá de suas necessidades imediatas, cada vez mais ruças. Por que os motoristas resistiam ao pagamento da gorjeta? Afinal, não havia trabalhado, guardando-lhes os carros, enquanto eles rezavam na Catedral guardando a alma aos cuidados do Senhor? Ao herói, pareceu que aquilo não era bem cristão. A que tipo de piedade aquela pertencia – uma na catedral e outra na vida? Pediu nova cachaça para abrir os pensamentos. (...)¹⁴

Todos os textos referentes à personagem Jacarandá demonstram uma denúncia social diante do meio no qual vive. Jacarandá é aquele que não tem possibilidade de melhoras porque nem possui uma casa para morar; ou aquele que por ser negro é motivo de esculhambação, e como um camaleão transforma-se no guardador de carros que para sobreviver “guarda” os carros alheios, mesmo assim, é enganado por seus donos, pois nem o recompensam por prestar-lhes tal serviço.

A crítica ao sistema ou àquele que se destaca porque tem um bem material está presente nesses três contos de João Antônio. Observar as atitudes ou “andanças” da personagem Jacarandá é tentar entender um outro lado da população que insiste em sobreviver: aqueles que mais sofrem diante da propaganda consumista que só tendem a levá-los a opressão.

Num outro momento temático e numa forma diferente de escrita, João Antônio veiculou em *Panorama* outro texto ficcional. Com ares de conto-reportagem, João Antônio destacou no artigo “Olá, professor, há quanto tempo!”, a entrevista que realizou com o antropólogo Darcy

Ribeiro. Mais para uma conversa do que propriamente para uma entrevista, João Antônio demonstrou, por meio dessa reportagem, sua admiração pelo Professor Darcy. O escritor ainda destacou a situação que Darcy Ribeiro viveu promovida pelos "tempos de chumbo", a luta contra o câncer, além das informações sobre os novos trabalhos que o estudioso Darcy tinha em mente:

Nono andar.

Havia policial à paisana, grisalho e blusão fora da camisa na porta de entrada do edifício e com ele precisei deixar tudo, embora fosse avisando, tinha hora marcada, seis da tarde, com o professor. (...)

Os homens que o deixaram entrar aqui, contavam com a sua morte infalível, inadiável, cancerígena. Por isso, exilado político de 64, foi deixado vir. (...)

Nunca pensava que pudesse e teve de deixar o cigarro. É o melhor dos vícios, nem é um vício. Chamar o cigarro de vício menor é outra impropriedade. Quando vivermos numa sociedade realmente civilizada, teremos cigarros de tudo: de proteínas, vitaminas, degustações variadas, leves e pesadas. Haverá uma geração de homens e mulheres incrivelmente elegantes, nenhuma barriga, ombros largos, nenhuma celulite. Pois, cigarros alimentícios, motivarão a chamada digestão sem excrementos. (...) Pensavam que ele morreria. De repente, seu nome pula nos jornais e revistas, está escrevendo coisas. Estão longe de supor tudo sobre o homem e seu despojamento. Provavelmente estejam com medo de suas verdades. E não dele, criatura miúda, naturalmente bem-humorada, ar fundamente brasileiro, cara limpa. (...)¹⁵

Esse texto foi publicado em livro em 1976, em *Casa de Loucos*. Barrado pela censura dos anos de 1970, em *Realidade*, João Antônio conseguiu publicá-lo no jornal *Panorama*, em março de 1975. Ao contrário dos demais textos ficcionais, este não apresenta nenhuma alteração do autor até que fosse publicado em livro, em 1976.

A atuação do escritor e jornalista João Antônio no jornal *Panorama*, sediado em Londrina, nos anos de 1975 e 1976¹⁶, propiciou ao escritor participar de um novo empreendimento jornalístico, desviando-se, portanto, do eixo Rio-São Paulo, nos quais se destacavam os maiores nomes da imprensa brasileira. Além de suas reportagens referentes às personalidades de Londrina (sobre o jornalista João Milanez), sobre a cidade e sua economia e regime político (Londrina e a produção de café / visita a uma sessão da Câmara), João Antônio também teve a possibilidade de veicular algumas de suas produções literárias. Estas podem ser vistas como parte da trajetória de seu fazer literário, pois mostram-se diferentes até chegarem a forma de livros.

Panorama, por se tratar de uma fonte primária, pode ser visto como um importante documento que atesta o seu nascimento, seu desenvolvimento e sua consolidação na história da imprensa brasileira e como meio de comunicação impresso e que também é registro significativo para a história da imprensa de Londrina.

Nele, entramos em contato com os fatos ocorridos na década de 1970: informações políticas, econômicas, sociais, culturais, seja do mundo, do Brasil ou da região, e que permitem ao pesquisador analisar a situação daquela época e, conseqüentemente, divulgar a atuação daqueles que trabalharam para realizar o projeto “Panorama”. Por outro lado, desvendamos parte da trajetória intelectual do escritor e jornalista João Antônio visto que também colaborou, por meio de suas matérias, com a primeira e mais rica fase do jornal Panorama.

Essa fase inicial do jornal londrinense mereceu atenção especial dos idealizadores do veículo devido ao quadro de jornalistas que compuseram a equipe daquele jornal. E João Antônio, mais uma vez, esteve presente nesta empreitada. Os nove textos produzidos pelo escritor e jornalista foram posteriormente publicados em livro o que afirma o fato de que João Antônio jamais descartou os seus trabalhos jornalísticos porque tinha consciência do valor que eles suscitavam enquanto textos que se aproximavam de seu fazer literário.

Notas

-
- ¹ Autor de **Malagueta, Perus e Bacanaço** (1963), **Leão-de-Chácara** (1975), **Casa de Loucos** (1976), etc.
- ² AGUIAR, Flávio. **Movimento**, 1975.
- ³ ANTÔNIO, João. “ Londrina de João Antônio”, **Panorama**, Londrina, 9 mar, 1975, Edição Histórica (Cidade), Ano I, n 1, p. 22.
- ⁴ ANTÔNIO, João. “Os anos loucos de Londrina”, **Panorama**, Londrina, 9 mar, 1975, Edição Histórica (Economia), Ano I, n 1, p. 24, 25 e 26.
- ⁵ ANTÔNIO, João. “ Desgracido”, **Panorama**, Londrina, 9 mar, Edição Histórica (Aventura), Ano I, n 1, p. 16, 17, 18 e 19.
- ⁶ ANTÔNIO, João. “Está aberta a sessão”, **Panorama**, Londrina, 14 mar, 1975, Ano I, n 6.
- ⁷ ANTÔNIO, João. **Um herói sem paradeiro - vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento**. São Paulo, Atual, 1993.
- ⁸ ANTÔNIO, João. “ O Parto”, **Panorama**, Hoje, Londrina, 10 mar, 1975, Ano I, n 2, p. 20.
- ⁹ ANTÔNIO, João. “Milagre Chué”. In.: **Dedo-Duro**. Rio de Janeiro, Record, 1982.
- ¹⁰ ANTÔNIO, João. “ Jacarandá – A estrela desce”, **Panorama**, Londrina, Hoje, 10 mar, 1975, Ano I, n 2, p. 21
- ¹¹ ANTÔNIO, João. “Sufoco”. In.: **Abraçado ao meu rancor**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- ¹² ANTÔNIO, João. “ Jacarandá – Ladrão!”, **Panorama**, Londrina, Hoje, 17 mar, 1975, Ano I, n 9, p. 13.
- ¹³ ANTÔNIO, João. “Guardador”. In.: **Abraçado ao meu rancor**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- ¹⁴ ANTÔNIO, João. “Jacarandá – Guardador de carros”, **Panorama**, Londrina, Hoje, 24 mar, 1975, Ano I, n 16, p. 7.

¹⁵ ANTÔNIO, João. “Olá, Professor, há quanto tempo!”, **Panorama**, Londrina, 27 mar, 1975, Ano I, n 19, p. 14.

¹⁶ João Antônio trabalhou como jornalista no veículo impresso **Panorama** de 9 a 27 de março de 1975.